

## ESCREVIVÊNCIA DO CORPO(POLÍTICA)FRONTEIRIÇO: contra o desperdício da experiência

### *ESCREVIVÊNCIA DEL CUERPO(POLÍTICA)FRONTERIZO contra el desperdicio de experiencia*

Viviani Cavalcante de Oliveira Leite – UFMS/PG-PPGMEL/NECC<sup>1</sup>  
Dr. Edgar César Nolasco – UFMS/NECC<sup>2</sup>

#### Resumo

O objetivo deste trabalho, como já sinalizado no título, é empreender uma reflexão que se dá contra o desperdício da experiência em contraproposta ao pensamento moderno que excluiu os corpos fronteiriços seus saberes e experiências. Para tanto, valeremo-nos de uma teorização epistêmico-conceitual acerca do conceito de *escrevivência do corpo(política)fronteiriço* partindo do conceito de *escrevivência* cunhado pela escritora mineira Conceição Evaristo. Dessa maneira, tal reflexão se dará à esteira da teorização descolonial (MIGNOLO) e da crítica biográfica fronteiriça, considerando o lócus, os corpos e as experiências dos sujeitos envolvidos, experiências estas que foram/são atravessadas pela modernidade/colonialidade e emergem como sintomas da ferida colonial ainda aberta. Partimos da premissa de que das experiências de quem vive debaixo das pedras modernidade/colonialidade é que emerge a *escrevivência do corpo(política)fronteiriço* enquanto um ardil para arrear as pedras impostas pelo sistema-mundo que insistem em esmagar excluir corpos mulheres, corpos negros, corpos indígenas, corpos homossexuais, entre outros. A metodologia do presente trabalho será de caráter eminentemente bibliográfico, desenvolvida, dentre outros, por críticos como Walter Mignolo e Edgar César Nolasco.

Palavras-Chave: Crítica biográfica fronteiriça; *escrevivência do corpo(política)fronteiriço*, experiência; teorização descolonial.

#### Resumen

El objetivo de este trabajo, como ya se indicó en el título, es emprender una reflexión que se produzca frente al derroche de experiencia en contrapropuesta al pensamiento moderno que excluyó a los cuerpos fronterizos de sus conocimientos y vivencias. Para ello, utilizaremos una teorización epistémico-conceptual sobre el concepto de *escrevivência del cuerpo(política)fronterizo*, partiendo del concepto de *escrevivência* acuñado por la escritora de Minas Gerais Conceição Evaristo. Así, dicha reflexión tendrá lugar a raíz de la teorización descolonial (MIGNOLO) y la crítica biográfica fronteriza (NOLASCO), considerando el locus, cuerpos y vivencias de los sujetos involucrados, vivencias que fueron / son atravesadas por la modernidad / colonialidad y emergen como síntomas de herida colonial aún abierta. Partimos de la premisa de que es de las vivencias de quienes viven bajo las piedras de la modernidad / colonialidad que surge el *escrevivência del cuerpo(político)fronterizo* como artimaña para sacar las piedras impuestas por el sistema-mundo que insisten en aplastar cuerpos excluyentes de

---

<sup>1</sup> Doutoranda pelo Programa de Pós Graduação em Estudos de Linguagens - PPGEL; Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS; Campo Grande, Mato Grosso do Sul; [vivianicoleite@hotmail.com](mailto:vivianicoleite@hotmail.com).

<sup>2</sup> Professor Doutor em Literatura Comparada; Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS; Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil; [ecnolasco@uol.com](mailto:ecnolasco@uol.com).

mujeres, cuerpos negros, cuerpos indígenas, cuerpos homosexuales, entre otros. La metodología de este trabajo será eminentemente bibliográfica, desarrollada, entre otros, por críticos como Walter Dignolo y Edgar César Nolasco.

Palabras claves: Crítica biográfica fronteriza; *escrevivência del cuerpo(política)fronterizo*, experiência; teorización descolonial.

## 1. Escrevivência do corpo(política)fronteirizo: contra o desperdício da experiência

As experiências sociais de injustiça e opressão causadas pelo capitalismo, pelo colonialismo e pelo patriarcado são sempre experiências corpóreas; no entanto, as suas principais manifestações podem incluir dimensões físicas, mentais, emocionais, espirituais ou religiosas. São geralmente vividas com maior intensidade quando incluem resistência e luta contra a injustiça e a opressão.

SANTOS. *O fim do império cognitivo*, p. 126.

Quem mudaria seria quem estivesse no sofrimento. Quem arreda a pedra não é aquele que sufoca o outro, mas justo aquele que sufocado está.

EVARISTO. *Becos da memória*, p. 136.

Há alguns anos, em meio à leitura de *Becos da memória*, deparei-me com a passagem da epígrafe acima. Tais palavras não saíram mais de mim, decorei-as não por conta das inúmeras vezes em que as li, mas por causa do efeito que me causara. Aqui, nesta fronteira geográfica e epistemológica, há muitas pedras que me ferem o corpo, me suprimem e me sufocam, mas que me fazem resistir e continuar lutando. Não se trata de sentimento, trata-se de sensibilidade biográfica, a experiência de um roçar das palavras em meu próprio corpo que me faz sangrar em forma de escrevivência.

As palavras do crítico Boaventura de Sousa Santos na epígrafe supracitada, me fazem refletir a respeito de três pedras fundamentais, da modernidade/colonialidade, que viabilizaram o esmagamento de corpos que destoam de seus respectivos projetos de dominação, o capitalismo, o colonialismo e o patriarcado. Penso que tais pedras tem em comum uma das mais cruéis estratégias de dominação que é (des)classificação dos corpos. Tal (des)classificação se dá justificada por características corpóreas e o esmagamento (exclusão, injustiça e opressão) dos corpos (des)classificados “são sempre experiências corpóreas [...] suas principais manifestações podem incluir dimensões físicas, mentais, emocionais, espirituais ou religiosas”(SANTOS, 2019, p. 126).

Nesse sentido, proponho escrever para assim arredar astantas pedras que me sufocam, inicio pelo desaprenderdo modelo acadêmico institucionalizado moderno, uma vez que seguir tal modelo implicaria em excluir meu próprio corpo de minha pesquisa e junto a ele excluir todas as minhas sensibilidades e experiências. Conceição Evaristo afirma que:

[A escrevivência] seria escrever a escrita dessa vivência de mulher negra na sociedade brasileira. Eu acho muito difícil a subjetividade de qualquer escritor ou escritora não contaminar a sua escrita. De certa forma, todos fazem uma escrevivência, a partir da escolha temática, do vocabulário que se usa, do enredo a partir de suas vivências e opções. A minha escrevivência e a escrevivência de autoria de mulheres negras se dá contaminada pela nossa condição de mulher negra na sociedade brasileira. Toda minha escrita é contaminada por essa condição. É isso

que formata e sustenta o que estou chamando de escrevivência (EVARISTO *apud* LIMA, 2017, s/p).

Assim, o conceito de *escrevivência* cunhado pela escritora mineira Conceição Evaristo, nasce de um corpo-mulher negra, Evaristo pensa e escreve a partir de seu próprio bios e de suas sensibilidades. Entretanto, respaldada pela afirmação da própria escritora, na citação acima, de que *De certa forma todos fazem uma escrevivência a partir de suas vivências e opções* é que escrevivo e teorizo em uma perspectiva copo(política)fronteiriça a partir de meu corpo epistêmico-fronteiriço de opção descolonial, corpo este que pensa/sente/vive a partir da fronteira geográfica e também epistemológica, e de vivências/experiências da/na margem atravessadas e contaminadas por minhas sensibilidades *biolocais*<sup>3</sup>.

Vale ressaltar que minha teorização se desenvolve pelo viés da crítica biográfica de natureza compósita cujos princípios básicos resultam “na produção de um saber narrativo, engendrado pela junção da teoria e da ficção e pelo teor documental e simbólico do objeto de estudo” (SOUZA, 2002, p. 114) e mais especificamente pela crítica biográfica fronteiriça, cunhada pelo intelectual Edgar Cézar Nolasco, que por sua vez, corrobora com as perspectivas da crítica biográfica e dos estudos pós-coloniais/descoloniais, permitindo que o crítico biográfico fronteiriço agregue em suas leituras e teorizações “tanto o que é da ordem do bios (quer seja do “objeto” em estudo, quanto do sujeito crítico envolvido na ação), quanto da ordem do lócus (o lugar a partir de onde tal reflexão é proposta)” (NOLASCO, 2015, p. 59).

Assim, escrevivo a partir de meu corpo que sangra na fronteira em um esforço para arredar a(s) pedra(s) da modernidade/colonialidade, poderia aceitar o triste destino de ser suprimida por ela(s) até desaparecer, seria o caminho para o qual a modernidade/colonialidade me impelem, porém opto por (des)aprender por (des)obedecer. Meu discurso emerge das inquietações e a partir de uma fronteira tanto territorial quanto epistemológica e de um corpo mulher pesquisadora que vive a experiência debaixo das pedras, se empenhando em um esforço sobre-humano para arredar as pedras impostas pelo sistema-mundo que insistem em esmagar e excluir corpos mulheres, corpos negros, corpos indígenas, corpos homossexuais, entre outros. Segundo o crítico Edgar Cézar Nolasco:

A relação do homem fronteiriço com o seu destino, sua relação com seu lócus geográfico cultural e seu bios estruturam seu “corpopolítica” (MIGNOLO), sua consciência subalterna e preparam o terreno para uma epistemología fronteiriça, cuja teoria advinda desse sintoma e de um desejo oriundos a partir de um lugar específico na cultura (NOLASCO, 2018, p. 39).

Nesse sentido, a consciência geopolítica e corpopolítica nasce da experiência vivida com/no corpo, da relação do sujeito com seu lócus e com seu bios e “desconstrói a ideia de que o conhecimento (teológico, filosófico, científico) é deslocalizado e desincorporado” (MIGNOLO, 2015, p. 307)<sup>4</sup>, ideia esta, instaurada pelo pensamento moderno. Em *Habitar la frontera*, Walter Mignolo afirma que a geopolítica e a corpopolítica do conhecimento se

---

<sup>3</sup> Faço uso da palavra *biolocais* me valendo de uma derivação do termo *biolócuso* qual o crítico biográfico fronteiriço Edgar Cézar Nolasco denomina de (bios=vida + lócus=lugar).

<sup>4</sup> [...] deconstruye la idea de que el conocimiento (teológico, filosófico, científico) es deslocalizado y desincorporado (tradução livre).

tornaram duas colunas de sustentação do pensamento descolonial em prol da libertação do universalismo e da biopolítica, que segundo ele pode ser pensada enquanto uma manifestação da egopolítica, sem geoistória.

Nesta perspectiva, meu corpo mulher pesquisadora teima e resiste a tal exclusão, e se “ [...] como um gesto vivo, a experiência reúne como um todo tudo aquilo que a ciência divide, seja o corpo e a alma, a razão e o sentimento, as ideias e as emoções” (SANTOS, 2019, p. 125) meu biolocus grita cada vez mais alto trazendo o sopro vivificante à minha pesquisa. Assim, minha pesquisa e meu corpo são inseparáveis e não “penso, logo existo” como quis Descartes, mas (des)penso e (des)aprendo a partir do meu locus(lugar) e do meu bios(corpo) nos e com os quais existo.

Dessa maneira, posso afirmar que ignoro o pensamento moderno, e o ignoro não no sentido de “não ter conhecimento sobre”<sup>5</sup>, pois conheço bem a pedra que me sufoca, mas sim no sentido de “não conhecer por experiência nem pela prática”<sup>6</sup>, os moldes do pensamento moderno não servem para pensar/escrever a partir do meu *biolocus*, pois tais moldes excluem meu corpo e minhas experiências.

### Referências

LIMA, Juliana Domingues de. Conceição Evaristo: ‘minha escrita é contaminada pela condição de mulher negra’. NEXO. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/entrevista/2017/05/26/Concei%C3%A7%C3%A3oEvaristo-%E2%80%98minha-escrita-%C3%A9-contaminada-pelacondi%C3%A7%C3%A3o-de-mulher-negra%E2%80%99>. Acesso em 18.01.2018.

EVARISTO, Conceição. *Becos da memória*. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

MIGNOLO, Walter. *Histórias locais/Projetos globais: colonialidade, saberes e pensamento liminar*. Trad. de Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

MIGNOLO, Walter. *Habitar lafrontera: sentir y pensar ladescolonialidad* (Antologia, 1999-2014) Barcelona: Edicions Bellaterra, 2015.

NOLASCO, Edgar César. CRÍTICA BIOGRÁFICA fronteiriça (BRASIL\PARAGUAI\BOLÍVIA). In: CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS: Brasil/Paraguai/Bolívia. Campo Grande, MS: Editora UFMS, v. 1, n. 44, ago./dez. 2015.

NOLASCO, Edgar César. *Corpos bugrescos esculpidos a machado*. In: BESSA-OLIVEIRA, Marcos; NOLASCO, Edgar César (Orgs.). *Fronteiras culturais em contextos epistêmicos descoloniais*. Campo Grande, MS: Life Editora, 2018.

<sup>5</sup> Cf. <https://www.dicio.com.br/ignorar/>

<sup>6</sup> Cf. <https://www.dicio.com.br/ignorar/>

SANTOS, Boaventura de Sousa. *O fim do império cognitivo: afirmação da epistemologias do Sul*. 1. Ed.; 1. reimp. – Belo Horizonte: Atênica Editora, 2019.

SOUZA, Maria Eneida de. *Crítica cult*. Belo Horizonte: UFMG, 2002.